



# Biblioteca Feminista Mônica de Menezes Campos

Acervo de Bibliografia Feminista  
de Relações Internacionais





**GOELLNER, Silvana Vilodre. Feminismos, mulheres e esportes: questões epistemológicas sobre o fazer historiográfico. Movimento, Porto Alegre, v.13, n. 02, p.171-196, maio/agosto de 2007. Acesso em: 26 jul. 2021.**

Nicole Canali de Castro

### *Credenciais da autora*

Goellner é licenciada em Educação Física pela UFSM, mestre em Ciências do Movimento pela UFRGS, doutora em Educação pela UNICAMP, e pós-doutora pela Faculdade do Desporto da Universidade do Porto. Além de professora na UFMG, é professora colaboradora da UFRGS. Goellner tem experiência como pesquisadora nas áreas de esporte e gênero, destacando seu trabalho como vice-coordenadora do GRECCO - Grupo de Estudos sobre Esporte, Cultura e História e coordenadora da Rede de Pesquisa sobre Futebol de Mulheres na América Latina.

### *Resumo e informações principais do texto*

Goellner inicia sua argumentação apresentando as diferenças nas narrativas historiográficas. A historiografia dominante parte de um recorte muito específico, que se autointitula como universal: homens brancos e ocidentais. Portanto, a historiografia com lentes feministas tem grande relevância, pois volta seus olhos não apenas para as mulheres, mas sim para mais grupos marginalizados. A autora faz um paralelo: assim como a mulher é invisível à historiografia dominante, o corpo também é, “como se a vida dos homens se situasse fora do tempo e do espaço, reclusa na imobilidade presumida da espécie” (LE GOFF e TRUONG apud GOELLNER).

Assim, através dos estudos feministas, o termo “gênero” se tornou uma ferramenta analítica relevante para entender a relação dos corpos (saúde, beleza, esporte, sexualidade) com o seu papel histórico e cultural, e as relações de poder. Exemplificando, compreende-se que a

diferença biológica é usada para explicar desigualdades e determinar os sujeitos excluídos e os incluídos. Esse determinismo biológico, que dita o papel social de homens e mulheres, também é presente nos esportes, limitando como cada sexo biológico pode ou deve se movimentar.

Somado a isso, Goellner aponta para o problema da dicotomia entre o feminino e masculino, onde ambos são construídos na oposição de um em relação ao outro. Assim, tudo que é masculino é igual entre si, da mesma forma que tudo o que é feminino é igual entre si, de maneira que a pluralidade de identificações que pode haver dentro de cada categoria é suprimida.

Levando os pontos citados acima em consideração, Goellner conclui que as diferenças biológicas que legitimam a desigualdade entre homens e mulheres são puramente discursivas. A autora enfatiza que existem sim diferenças biológicas entre os sexos, mas que, em primeiro lugar, elas não justificam as estruturas de poder, assim como, em segundo lugar, não deveriam ser centrais em discussões sobre a presença de mulheres em esportes.

### *Tabela de citações*

CITAÇÃO DIRETA	LOCALIZAÇÃO DA PÁGINA
"Marcar a diferença talvez tenha sido o primeiro grande passo da historiografia feminista que, ancorada em diferentes aportes epistemológicos, políticos e metodológicos, construiu uma narrativa tão diversa quanto necessária."	p. 176
"Como ferramenta analítica, o termo "gênero" possibilitou desconstruir a representação naturalizada de que homens e mulheres constroem-se masculinos e femininos pelas diferenças corporais e que essas diferenças justificam determinadas desigualdades, atribuem funções sociais, determinam papéis a serem desempenhados por um ou outro sexo."	p. 183
"Os corpos fazem-se femininos e masculinos na cultura e essas representações, apesar de serem sempre transitórias, marcam nossa pele, nossos gestos, nossos músculos, nossa sensibilidade e nossa movimentação. Melhor dizendo: as marcas culturais que contornam as representações que temos de masculino e feminino são históricas, mutantes e provisórias."	p. 183-184



<p>“A eles a aventura, a potência, o desafio, a força; a elas, a aventura comedida, a potência controlada, a força mensurada, o desafio ameno. Para as mulheres, em grande medida, é incentivado viver o espetáculo esportivo desde que não deixe de lado, por exemplo, a graciosidade, a delicadeza e a beleza, atributos colados uma suposta “essência feminina”.”</p>	<p>p. 184-185</p>
<p>“A lógica que sustenta afirmações desse porte é aquela que vê homens e mulheres como seres diferentes e em oposição, possuidores de corpos que são igualmente diferentes e se constituem, igualmente em oposição.”</p>	<p>p. 185</p>
<p>“Noutras palavras: os argumentos biológicos que historicamente têm servido para naturalizar as diferenças sociais entre sujeitos perdem força e legitimidade diante da percepção de que se traduzem em construções discursivas atreladas a redes de significação e de poder.”</p>	<p>p.188</p>

## Comentários

Considero o artigo da Silvana Goellner uma referência no campo esportivo e nos estudos feministas. Em primeiro lugar porque a relação entre corpo e papel social é familiar ao feminismo, e também porque o mundo esportivo é um espaço em evidência, de modo que conceitos nos quais o feminismo se sustenta - como a percepção das relações de poder, o papel social do gênero, etc - são bastante visíveis e podem ser vistos e denunciados de uma forma perceptível e acessível.

# QUEM ESCREVEU?



## *Nicole Canali*

Graduada em Relações Internacionais pela UP e pós graduanda em geopolítica e defesa pela UFRGS. Participou como integrante da comissão de Estudos e Pesquisa do NEFRI em 2020. Seus principais interesses de pesquisa incluem Segurança Internacional, atores não estatais, paz e gênero.

